PROSAS
&
VERSOS

Sônia Machado

PROSAS & VERSOS

1ª Edição -2024
Coromandel-MG
Edição do Autor

Projeto de cultura (Lei Paulo Gustavo)

Prosas & versos
Copyright © 2024 Sônia Machado (1ª Edição)
Todos os direitos dessa edição reservados à autora e protegidos pela lei dos direitos autorais
Impresso no Brasil pela Editora Clube de Autores Publicações S/A
Projeto editorial e diagramação: a autora
Designer da capa: Editor online www.canva.com / a autora
Acabamento e impressão: Editora Clube de Autores Publicações S/A
Fontes de pesquisa e referências. Final do livro.

Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica elaborada pela autora

M149 MACHADO, Sônia
Prosas & versos/ Sônia Machado – Joinville: Clube de Autores Publicações S/A, 2024.
160 p.; 23 cm

ISBN: 978-65-00-88655-9

1. Literatura brasileira. 2. Contos 3. Poemas 11. Título.

CDD: B869.8
CDU: 821.134.3(81) -82

É proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, inclusive quanto às características gráficas e/editoriais. A violação dos direitos autorais constitui crime (Código Penal, art. 184 e Parágrafos, e Lei nº 6.895, de 17/12/1980) sujeitando-se à busca e apreensão e indenizações diversas (Lei nº 9.610/98)

Para ouvir o Áudiolivro acesse o QR Code

APRESENTAÇÃO

"Prosas & versos" foi organizado exclusivamente para o projeto de mesmo nome "Prosas & versos", selecionado pela Gestão Municipal de Educação, cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Coromandel-MG, conforme Edital de seleção de Projetos para recebimento de bolsas culturais com recursos da Lei Complementar nº 195/2022 (Lei Paulo Gustavo), Decreto 11.525/2023 e Decreto 11.453/2023. O projeto "Prosas & versos" se enquadra na categoria Projetos de Leitura, escrita e oralidade.

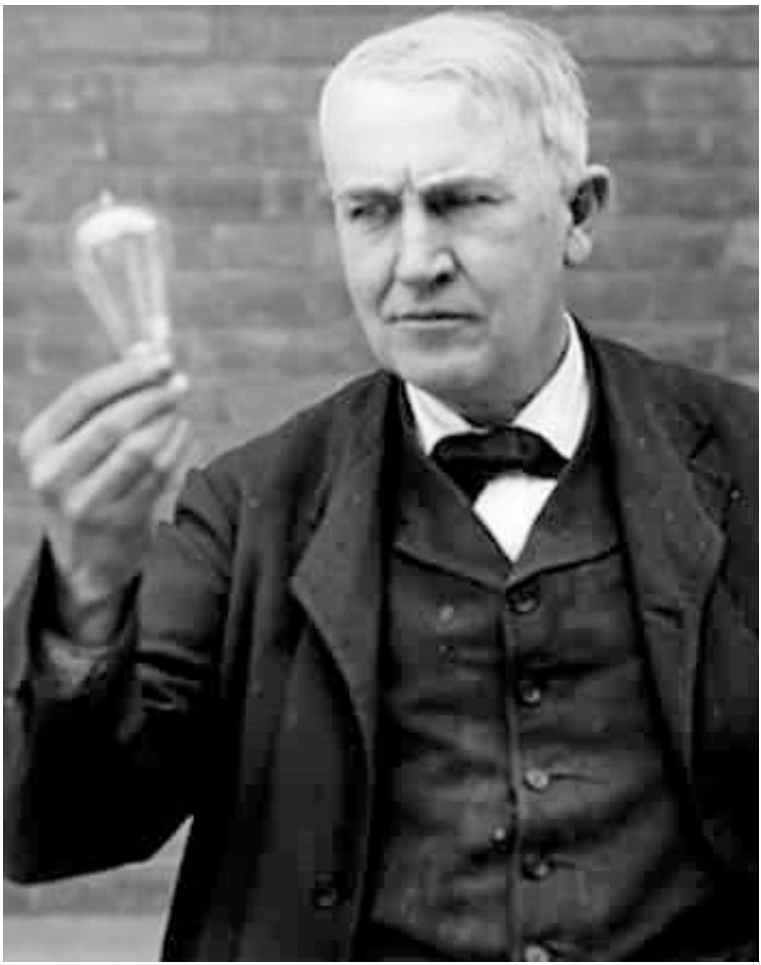
O volume "Prosas & versos" será apresentado em duas partes: Contos e poesias. O que justifica o nome da obra e do projeto em questão. O conteúdo abordará temas importantes da atualidade, tradições culturais, fatos históricos, etc. Todos com teor reflexivo.

Pretende-se com essa obra e projeto, incentivar a prática de leitura e escrita nas escolas e algumas entidades; promover o acesso à cultura literária, promover acessibilidade literária a pessoas com alguma deficiência visual, por exemplo, uma vez que o conteúdo desse volume será disponibilizado também em áudio. Para tanto todos os volumes impressos e em áudio serão doados.

.

Primeira parte

PROSAS



Thomas Edison- Fonte imagem: Google

O "BURRO" E O SURDO QUE DEU A VOLTA POR CIMA

Eram seis horas. O sol já descambando. Não sem antes pincelar a orla do horizonte de tons prateados, dourados, laranjas e vermelhos. Acendi a lâmpada quase como um autômato porque a cortina semi-blackout escurecia um pouco a sala. Demorei no click pensando em Thomas Edison e depois sentei-me no sofá.

— Finalmente alguém um dia inventou a lâmpada. —falei. Tem coisas que precisam ser faladas. É como estar fazendo calor e quando você fala "que calor", de certa forma o falar ameniza o calor. E assim é com a lâmpada. Falar sobre ela, tão pequena, é como se entendêssemos sua grandiosidade.

— Verdade. Já não é preciso mais aquelas lamparinas a querosene e nem lampiões a gás.

Recordei-me de outros tempos, na labuta que era para colocar querosene na lamparina e acertar o pavio. Depois falei:

— O interessante é que quem inventou a lâmpada foi um homem que, quando criança foi diagnosticado como doente mental por um professor. Você sabe de quem estou falando, não é?

— Claro que sei. Thomas Edison. Claro. Só não sabia desse pormenor da doença mental. Isso é sério mesmo? Mas se ele tinha problemas mentais como se tornou o gênio da lâmpada.

— Já te conto. Quando isso aconteceu Thomas era apenas um garotinho sardento de oito anos. Era uma criança dispersa, e logo seu professor concluiu que ele tinha, digamos um cérebro oco, e era incapaz de aprender. E então simplesmente o expulsou da escola primária.

— Inacreditável isso. Quanta discriminação e preconceito. Certamente esse professor não sabia o sentido da inclusão.

— Com certeza não. O fato é que o tal do professor mandou o menino de volta para casa com bilhete para sua mãe.

— Um bilhete? E o que continha esse bilhete? O seu diagnóstico suponho

— Sim. Só que quando a mãe de Thomas abriu o bilhete e viu o conteúdo, as lágrimas foram molhando seu rosto. Thomas logo questionou porque a mãe estava chorando. Então sua mãe disse em voz

alta, como se lesse novamente o bilhete: "Seu filho é um Gênio. Nossos professores não são qualificados bastante para ensiná-lo. Por favor você deve continuar a educá-lo em casa."

— Mas não era isso que estava escrito naquele bilhete, não é?

— Não. Não era. Me diz, seria correto ela jogar na cara do filho, que ele era um retardado mental? Fazer esse menino sofrer? Um menino que não conhecia ainda as maldades do mundo.

— Certamente não. Mas depois disso, o que aconteceu então?

— Aconteceu que a mãe de Thomas tomou a decisão de ela mesma ensinar o filho. Uma decisão que demandaria esforço e tempo. Assim ela ensinava o filho todos os dias horas a fio com um grande empenho. Thomas aprendeu a ler e escrever e também noções de matemática. Era um garoto muito curioso, principalmente com relação às ciências e mecânica. Vivia fazendo pequenos experimentos. Aos doze anos de idade, ele perdeu a audição de um de seus ouvidos, e teve danos graves no outro. Uns dizem que foi uma infecção chamada escarlatina. Porém, outros dizem que ele perdeu a audição quando vendia balas em um trem, e um senhor o levantou pelas orelhas.

— Quanta maldade.

— Muita maldade mesmo. Contudo, Thomas não ficou lamentando essa experiência danosa. Seguiu em frente, pois sempre foi alguém esforçado e perseverante. Conta-se que um dia, o escritor Napoleon Hill lhe perguntou se a surdez não o tinha prejudicado. Thomas respondeu: "Ao contrário, a surdez foi de grande valia para mim. Poupou-me o trabalho de ficar ouvindo grande quantidade de conversas inúteis e me ensinou a ouvir a voz interior". Ouvindo essa voz interior, ele aprendeu que era capaz de controlar sua mente como quisesse.

— Ou seja, passou a dominar seu suposto "cérebro oco".

— Com certeza. Foi assim que Thomas, usando conhecimentos técnicos e científicos de outros homens, foi fazendo suas pesquisas, porque ele não tinha base nenhuma, já que não havia frequentado escolas. Mas contratou químicos, matemáticos e mecânicos para ajudá-lo.

— E foi assim que Thomas Edison inventou a lâmpada elétrica.

— Foi. Em 1879. A invenção da lâmpada incandescente foi a invenção que teve mais destaque. Mas seus inventos não ficaram só nisso não.

— Não? O suposto "cérebro oco" inventou mais coisas?

— Claro que sim. Não vai me dizer que não sabia. Antes da lâmpada ele já havia inventado outras coisas. Por exemplo, quando trabalhava como operador de telégrafo, ele inventou uma máquina que registrava votos. Essa foi sua primeira invenção, mas que não teve retorno financeiro. Aliás ele aprimorou o telégrafo também. Depois ele também aprimorou um dispositivo que registrava a cotação da bolsa de valores, que foi um grande sucesso e utilizado por várias décadas. Thomas também inventou o fonógrafo, que gravava e reproduzia sons. Sabia que foi do fonógrafo que se originou o CD player? Bem, também faz parte de suas invenções, o projetor de cinema, o microfone, o mimeógrafo, além de aperfeiçoar outros inventos, entre eles o telefone e a máquina de escrever. Foi um total de mais de mil inventos.

— Uau. É muita cosia mesmo. Mas me diz: onde fica "o cérebro oco" nisso tudo? Porque vamos combinar, todos esses inventos não é coisa de burro não.

— O fato é que Thomas Edison era esforçado e perseverante. Pois vou te dizer. Nem tudo foram flores não. Tinha inventos que davam errado.

— Tinha?

— É claro. Ninguém acerta um invento assim sem mais nem menos da primeira vez. O sucesso é todo um processo de faz e refaz. Pode crer. Além disso, muitas vezes Thomas ficava sem dinheiro, pois gastava muito com seus inventos, e muitos como te falei, não davam certo. Sem contar uma tragédia que aconteceu: um incêndio destruiu todo o seu laboratório e tudo que havia esforçado para conseguir até então. Ele já tinha 77 anos, mas não se abateu. Depois que os bombeiros apagaram o fogo, Thomas simplesmente disse para seus ajudantes: "É sempre possível tirar algo positivo de alguma tragédia. Acabamos de nos livrar de um monte de coisas velhas. Sobre as ruínas edificaremos mais e melhor". Dizem que um dia, depois de centenas de fracassos em um invento, Thomas falou a um de seus ajudantes: "Já conhecemos centenas de maneiras que não dão certo. Agora estamos mais perto do sucesso".

— De fato, era muita perseverança e esforço.

— Era. Com certeza. Dizem também que quando estava trabalhando em alguma invenção, ele se trancava no laboratório e só saia de lá depois de conseguir acertar. Não abria a porta nem para a esposa, que colocava a comida por uma abertura. E quando Thomas já tinha 80 anos começou a estudar Botânica acredita?

— É muita dedicação mesmo. Graças a essa persistência temos a lâmpada e muitas outras coisas.

— Para Thomas, a realização de algo, de um invento, era a única satisfação verdadeira da sua vida.

— Ele era de fato um gênio.

— Sim. Era. Mas um dia, quando alguém o chamou de gênio ele simplesmente disse: "Gênio, eu? O segredo está apenas em trabalhar de forma firme e árdua. O gênio é 1% de inspiração e 99% de transpiração".

— Ou seja, de suor. A inspiração de nada vale se não nos esforçamos.

— Justamente. Não lute, não esforce não, para ver. Jamais chegará lá. Ah, ainda tem algo que não contei sobre Thomas.

— Ainda tem mais?

— Tem. Quando sua mãe faleceu e Thomas estava organizando os papeis do inventário, encontrou entre eles o antigo bilhete que seu professor na escola primária havia pedido que entregasse à mãe.

— Agora fiquei curiosa. O que dizia realmente o tal bilhete?

— Dizia: "Prezada mãe, o Thomas tem um retardo mental, por isso não podemos educá-lo nessa escola com os outros colegas. Recomendamos, portanto que passe a ensiná-lo em casa."

— Finalmente Thomas conheceu o conteúdo do tal bilhete.

— Sim. Só então ele percebeu que a mãe havia escondido dele o verdadeiro teor do bilhete. Um teor que certamente poderia ter feito dele um homem fracassado.

— Bendita foi essa mãe.

— Sim. E mais bendita por não levar a sério aquelas palavras do professor preconceituoso. Ela preferiu acreditar no próprio filho. Quando Thomas encontrou esse bilhete, já era famoso. E chorou muito. Foi então que escreveu em seu próprio diário: "Thomas Edison foi um menino com deficiência mental e, graças aos esforços de sua

mãe, se transformou em uma das pessoas mais importantes do século. Sou o resultado do que uma grande mulher quis fazer de mim".

— E o que fica disso tudo afinal? Grandiosos inventos que facilitam nossa vida.

— Sim. Grandiosos inventos. Mas o mais importante dessa história é o seguinte: Não podemos prejulgar ninguém pelo que aparentam, ou por alguma suposta deficiência. Todos são capazes. No caso de crianças com necessidades especiais, o que era o caso de Thomas Edison, pelo menos supostamente, a inclusão envolve sua participação na sociedade e em instituições de educação regular. É a questão da igualdade. Entende?

— Verdade. Imagine expulsar um aluno por ter dificuldades de aprendizagem como foi o caso de Thomas.

— Isso na verdade não acontece mais hoje em dia, embora haja casos velados e casos de professores chamarem alunos de burro. Já houve casos em que o aluno foi até indenizado por isso sabia? De qualquer forma, e isso vale para todos nós, se alguém te chamar de "burro", não ligue. Acredite em você e siga em frente. Afinal o que importa não é necessariamente se somos gênios, mas o quanto nos esforçamos para sê-lo.



Fonte da imagem: Pinterest

DO NAVIO NEGREIRO ATÉ HOJE

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...

Li em voz alta os primeiros versos, da quinta estrofe do poema Navio Negreiro, de Castro Alves. Pensei naquela África distante, e navios atracados em sua costa, sendo abarrotados de negros, para serem comercializados em outros países, inclusive no Brasil.

— Essa palavra escravidão me assusta. — falei pensativa. —E me assustou ainda mais quando li o livro "Escravidão" de Laurentino Gomes. O volume I. Confesso que chorei em cada página que lia, e ficava até difícil ler com as lágrimas turvando minhas vistas.

— A escravidão não significou apenas a privação da liberdade. Foi bem mais. Foi uma mancha na dignidade humana dos cativos.

— Sim foi. Uma mancha que muitos lutam para tirar, mas outros teimam em que permaneça, através de um racismo que, em pleno século XXI, não tem fundamento.

— Sabe, eu fico me perguntando: será mesmo que o ser humano evoluiu?

— Sei não. O que sei é que esse livro — balancei o livro de capa vermelha no ar. — revela toda a barbárie do ser humano. Analise comigo, aqueles navios negreiros chegando ao Brasil, entupidos de escravos acorrentados, sendo tratados pior que animais. Falando sério, foi o retrato mais terrível das misérias humanas. E nem me responda que imagina, porque vou te dizer: isso é pouco. Porque o contexto real mesmo, a gente nem chega perto. Nunquinha.

— Custo acreditar que os brancos foram capazes de tamanha crueldade.

— Custa? Mas isso é fato. Laurentino Gomes descreve que nos porões desses navios, vinham cerca de mais de 700 negros. Pode um absurdo desses? Vinham apertados uns aos outros, o rosto melancólico, os corpos nus e magros cheios de sarna. Depois, como esqueletos

ambulantes, iam direto dos navios até os depósitos onde ficavam expostos para a venda, como se fossem mercadorias.

— Que horror. Eu nunca havia sequer pensado nisso.

— Nem eu. Até porque na escola, não me contaram a história toda tim tim por tim tim. E pelo visto para você também não. —Se contassem tudinho, desde a captura dos negros na África, a viagem sórdida nos navios negreiros, a revenda aqui no Brasil, depois os maus tratos dos seus senhores, enfim, tudo o que de fato representou a escravidão, com certeza a luta contra o racismo seria menor.

— Analisando bem, a dívida que temos com eles é grande.

— Grande? — alterei o tom de minha voz. —É infinitamente enorme. E não se paga assim só com cotas estudantis, cotas culturais, por exemplo, criadas por leis e tá tá ti tá tá tá. Isso é nada. Nada diante da dívida que temos com eles.

— Sabe, romanticamente 13 de maio foi o fim da escravidão. A suposta conquista da liberdade pelos escravos negros. E foi, claro, uma grande conquista. Não se pode negar. Mas a realidade, é que depois disso, os escravos foram abandonados à própria sorte.

— E você bem sabe o sentido da palavra abandono, não é? Mistura de injustiça, desrespeito e sei lá mais o quê. Isso ainda continua nos dias atuais. Nas escolas, nos estádios de futebol, na sociedade como um todo. O fato é que as pessoas negras ainda sofrem com o racismo.

— Sabe fiquei encucada com os tais navios negreiros. Essa coisa dos cativos amontoados, espremidos como fossem mercadorias. Isso não me sai da cabeça.

— Para você ver. Bem, esses navios, segundo Laurentino Gomes, eram uma mistura de máquina de guerra, prisão e fábrica. Eram armados de canhões com poder de destruição, contra piratas, fortificações, navios adversários, negociantes de escravos. Sem contar as barricadas dentro do próprio navio para se defenderem de supostas revoltas dos negros cativos. Para a viagem seguir nos conformes, existia uma rigorosa organização, seja de tarefas, turnos, hierarquias. O capitão, por exemplo, era o maior nessa escala hierárquica. Tinha poder de vida e morte sobre todos no navio. Também era ele quem cuidava de recrutar a tripulação, que contava com vários profissionais. Por exemplo, médico-cirurgião, carpinteiro, artilheiro, cozinheiro e muitos outros profissionais e até padres. Era ele ainda quem comprava ou capturava